

Projeto EKO procura implementar moeda complementar nos Açores

Com a implementação de uma moeda complementar na Região pretende-se contribuir para mitigar a pobreza, criar rendimentos complementares e agitar a economia, enquanto se implementam projetos de valorização e aproveitamento de resíduos

DIREITOS RESERVADOS



Pedro Gouveia é o gestor do projeto EKO da Kairós

ANA CARVALHO MELO
anamelo@acorianooriental.pt

O projeto EKO da Kairós - Cooperativa de Incubação de Iniciativas de Economia Solidária visa a incubação de iniciativas de criação social disruptiva, entre as quais uma moeda complementar em São Miguel, tendo a Casa do Cogumelo sido uma das primeiras sementes desse projeto.

“O projeto EKO alia ecologia e economia, no sentido de promover a economia circular e regenerativa, tendo por base a economia solidária, que se constitui como a ‘seiva’ do mesmo”, explicou o gestor do projeto, Pedro Gouveia, referindo que o objetivo é “implementar na Região uma moeda complementar, a par de outras micro-iniciativas que fomentem a inovação societal, ou seja, outra forma de agir na sociedade com vista à implementação de soluções, pela sociedade civil organizada, perante os problemas sociais presentemente mais complexos e incertos”.

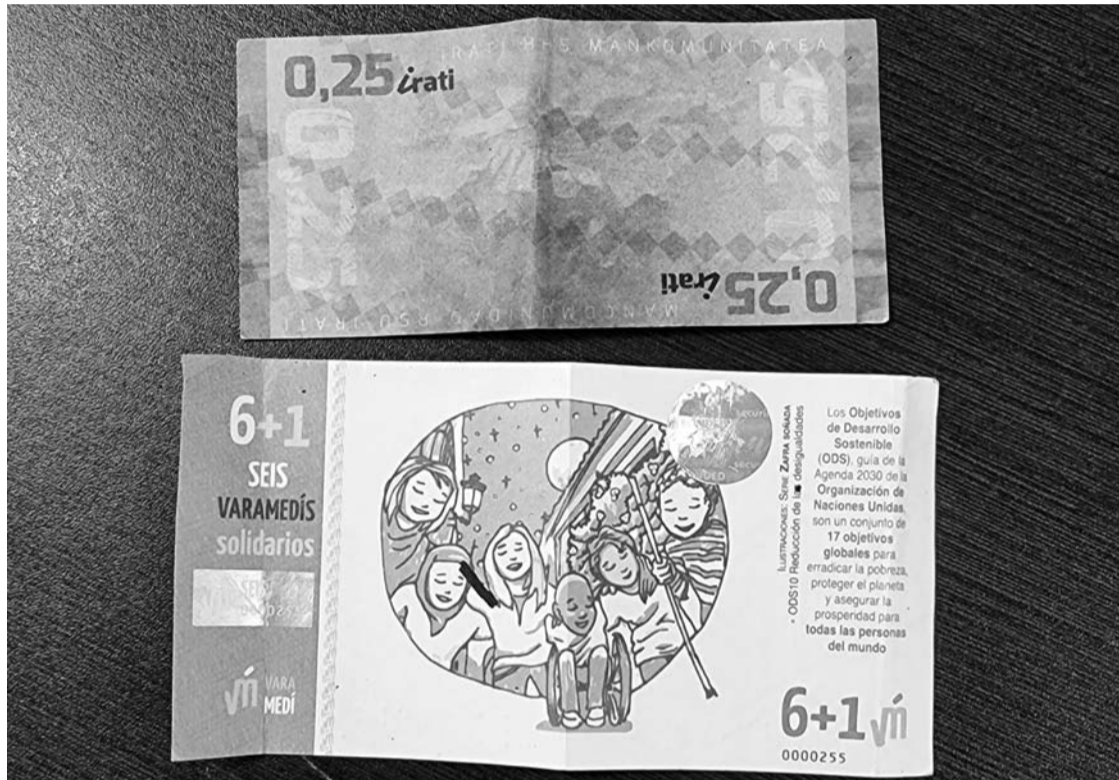
Para implementar esta moeda a Kairós, que é a entidade gestora do projeto ESCUTA (ERASMUS+), tem vindo a colaborar com parceiros espanhóis e franceses que já trabalham com este instrumento

financeiro, no sentido da animação das economias locais.

“Há territórios que têm sistemas montados com estações de compostagem urbanas, com investimento dos municípios, onde a população pode colocar os seus resíduos orgânicos. Sendo que a esse resíduo é atribuído um valor de uso (é um recurso a ser usado) pelo que passa a ser valorizado, em moeda complementar, já que irá servir, por exemplo, como fertilizante natural. Posteriormente, os municípios podem usar esta mesma moeda no consumo no comércio local e até no pagamento de taxas municipais, agitando assim a economia local”, descreveu.

Na Região, a ideia passa por implementar também projetos de valorização e aproveitamento de outros resíduos para além dos orgânicos, replicando projetos já existentes, como a Casa do Cogumelo. Assim como pela definição de regras de uso e controlo desta moeda.

“A vantagem da moeda complementar é ajudar a economia e as famílias mais empobrecidas, no sentido da sua discriminação positiva, mas não só”, referiu, dando como exemplo o que está a ser feito em Toulouse, França, em que os serviços sociais, em articulação com a comunidade, apoiam a população em moeda



Exemplos de moeda complementar utilizada em projetos implementados em Espanha e França

Casa do Cogumelo produz cogumelos reutilizando a borra de café

Na Casa do Cogumelo, na Quinta Kairós, são produzidos em baixa tecnologia cogumelos em borras de café.

Este projeto, implementado por Dave Mertens, aluno belga, em Erasmus na Universidade dos Açores (Licenciatura em Serviço Social), visa a reutilização da borra do café de forma eficiente e como recurso natu-

ral para produzir cogumelos.

Desta forma alia-se o tratamento e aproveitamento de resíduos com a produção de cogumelos que depois são vendidos através da BioKairós. Qualquer pessoa pode contribuir para este projeto juntando os seus restos do café e colocando-os no contentor da Quinta Kairós, na rua de São Gonçalo, s/n.

complementar que só pode ser gasta naquela comunidade, ainda que sem substituir o euro.

“Precisamos de mostrar nos Açores que há outro tipo de caminhos, de formas de nos organizarmos e de soluções para tentar mitigar a pobreza, criar rendimentos complementares, empoderar e capacitar as pessoas e agitar a economia, vivendo em equilíbrio com a natureza”, destacou.

Mas para que isto possa ser uma realidade o sociólogo realça que é importante que as organizações da economia social e solidária despertem para esta realidade, assim como “para uma outra forma de

porem em prática os seus princípios e valores, uma vez que a contemporaneidade encerra outros desafios, entre os quais o das alterações climáticas”.

“Atenção associações da economia social e solidária deixem de estar tão ‘cristalizadas’, e criem uma equipa que vos permita experimentar formas de produzir e de gerar outras economias que são importantes para o futuro da comunidade humana. Vamos tentar criar uma moeda complementar que agite a economia de um pequeno bairro ou do pequeno comércio e valorize a recolha eficiente dos resíduos orgânicos”, apelou.

Pedro Gouveia destacou ainda que “as organizações de economia social e solidária inovadoras são capazes de demonstrar na prática que, através de baixo investimento financeiro, mas com a valorização do ‘know how’ específico das pessoas, é possível produzir e vender bens, serviços e conhecimento para/no mercado aberto (economia de mercado), contribuindo desta forma para a diminuição da pobreza e consequente exclusão social”.

“Vivemos num contexto em que cada vez vai haver mais situações de complexidade social, pelo que temos de estar preparados e ser resilientes”, afirmou ao destacar a importância do papel destas organizações na atualidade.

Nesse sentido, referiu ainda que “a Kairós tem uma cultura de incubação”, o que significa que implementa projetos para mostrar que é possível realizá-los para que eventualmente outras pessoas os possam implementar, contribuindo assim para gerar o seu emprego e tornando-se menos dependentes dos apoios públicos. ♦